



Jornal Negócios

04-07-2019

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Negócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 12747

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 5008 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4 a 7

Regulador pressiona Caixa a recuar nos juros dos depósitos

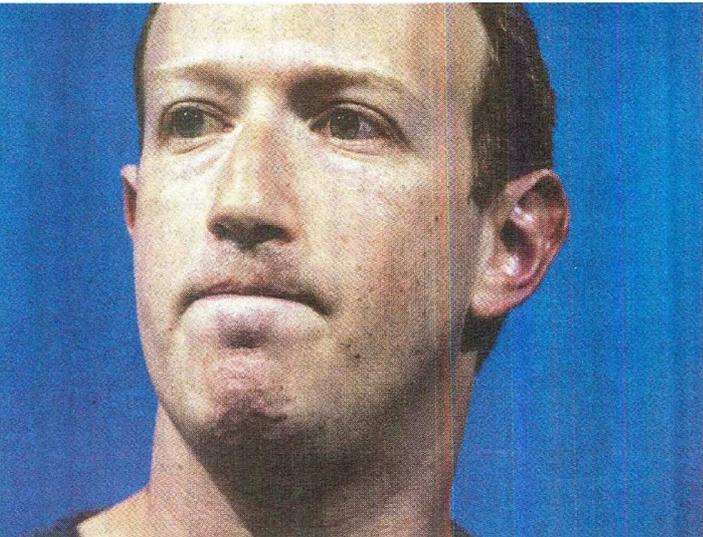
Donas das Cubanas entrou em recuperação com dívidas de 13 milhões

Responsáveis usam viagens de serviço para fins pessoais

LIBRA

Como a nova moeda digital ameaça a banca e a supervisão

PRIMEIRA LINHA 4 a 7



Laurent/EPA

PRIMEIRA LINHA OS DESAFIOS DA MOEDA DO FACEBOOK

Libra no prato da balança dos reguladores

A moeda virtual Libra tem motivado alertas sobre riscos para a estabilidade financeira. Economistas defendem que é necessária regulação transversal, mas alertam que caminho não será fácil.

SARA RIBEIRO

sararibeiro@negocios.pt

Os reguladores e supervisores têm feito alertas sobre as criptomoedas, avisos reforçados agora depois do anúncio do desenvolvimento de uma moeda digital por parte de uma das maiores empresas do mundo: o Facebook. Tendo em conta que só a base de utilizadores da rede social é superior a 2 mil milhões, pode a nova criptomoeda ser uma ameaça para a estabilidade financeira ou um instrumento de pagamento mais eficiente? E como pode ser regulada?

Os planos do consórcio fundador da Libra, que além do Facebook conta com mais 27 parceiros, passam por introduzir a nova moeda virtual no mercado no próximo ano. Um passo que para ser dado precisa do crivo de vários reguladores, o que não se antevê tarefa fácil, de acordo com os especialistas ouvidos pelo Negócios.

Para o economista João Loureiro “difícilmente” os bancos centrais vão autorizar a entrada desta moeda virtual. “Até pelas ameaças” que pode acarretar, acrescentou o professor da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, referindo-se, por exemplo, à fraude ou lavagem de dinheiro. “Tenho muitas dúvidas de que isso aconteça, pelo menos no imediato”, apontou. Uma opinião partilhada pelo economista Nuno Teles, que considera que “um projeto destes tem de ter a anuência dos principais reguladores internacionais, caso contrário, estará condenado à partida”.



Um projeto destes tem de ter a anuência dos principais reguladores internacionais, caso contrário, estará condenado à partida.

NUNO TELES
Economista

Para os economistas, a única maneira de ser criada regulação para um projeto como a Libra passa pelo estabelecimento das mesmas regras a nível global. Para tal, será necessário haver entendimento e coordenação entre centenas de supervisores. Algo que consideram muito difícil.

“A viabilidade desta moeda digital resultará da necessária disputa política entre este consórcio de empresas, os reguladores e consumidores”, explicou Nuno Teles, acrescentando, no entanto, que não parece viável que a Libra represente “qualquer ameaça ao poder soberano de emissão de moeda e de política monetária e seus canais de transmissão”. “Os soberanos, com os EUA à cabeça, nunca aceitarão ameaças ao seu poder. E têm facilmente os meios para matar o projeto”, sustentou o professor visitante da Faculdade de Economia da Baía, no Brasil.

De qualquer forma, o Banco de Pagamentos Internacionais (BIS) já determinou a criação de vários centros operacionais (em Basileia, na Suíça, e em Hong Kong, devendo

o terceiro ser em Singapura) para vigiar estes ativos por forma a que os vários bancos centrais se coordenem nas respostas às criptomoedas.

Os dois lados da balança

O economista João Duque também tem sérias dúvidas sobre a aceitação da Libra na esfera regulatória. E não hesita em dizer que é “um risco” para a estabilidade financeira “pois está completamente nas mãos de uma entidade que não é regulada nem supervisionada, nem tem um sistema de garantia por detrás”. E avança uma solução: “A criação de uma criptomoeda pelos bancos centrais. Assim, acabam de vez com as outras.”

Já José Miguel Pinto dos Santos destacou que “o principal risco para os consumidores é que um dia este sistema se torne insolvente e percam as suas Libras”. E “como o Facebook diz que o sistema nunca será um banco”, recorda o professor da AESE, as Libras depositadas na Calibra [carteira eletrónica que vai albergar os serviços da Libra] “não estarão garantidas por seguros de depósitos”.

Por sua vez, Carlos Novais Gonçalves faz uma leitura mais otimista. Entre as vantagens destaca que “a facilitação de transferências ponto a ponto entre utilizadores [...] abre um novo horizonte de automatização de processos de débitos e créditos, abrindo possibilidades para novos modelos de negócio”.

Mas como se controla os riscos? “É previsível que todos os utilizadores da Libra tenham de ter os mesmos graus de identificação já obrigatórios para abertura de contas em entidades financeiras”, por isso, conclui: “A necessidade de integração e também de abertura da regulação para evitar entraves à inovação parece ficar, mais do que nunca, realçada.”



A necessidade de integração, mas também de abertura da regulação para evitar entrave à inovação parece ficar, mais do que nunca, realçada.

CARLOS NOVAIS GONÇALVES
Economista

Banco de Portugal vai “avaliar” Libra

O Banco de Portugal (BdP) tem sido uma das vozes a alertar para os riscos na utilização de criptomoedas. Como fonte oficial do supervisor disse ao Negócios, “o surgimento e utilização das comumente designadas ‘moedas virtuais’ têm sido acompanhados pelo Banco de Portugal”. Neste contexto, “a criação de uma ‘moeda virtual’ promovida pelo Facebook, designada Libra, será objeto de avaliação pelo BdP considerando, nomeadamente, o impacto potencial associado à vasta base de clientes desta entidade”. A mesma fonte oficial lembrou ainda que as transações de criptomoedas “atualmente não se encontram supervisionadas pelo BdP, pelo que a emissão e comercialização de moedas virtuais não obriga ao registo ou pedido de licença junto do banco central”.

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 12747

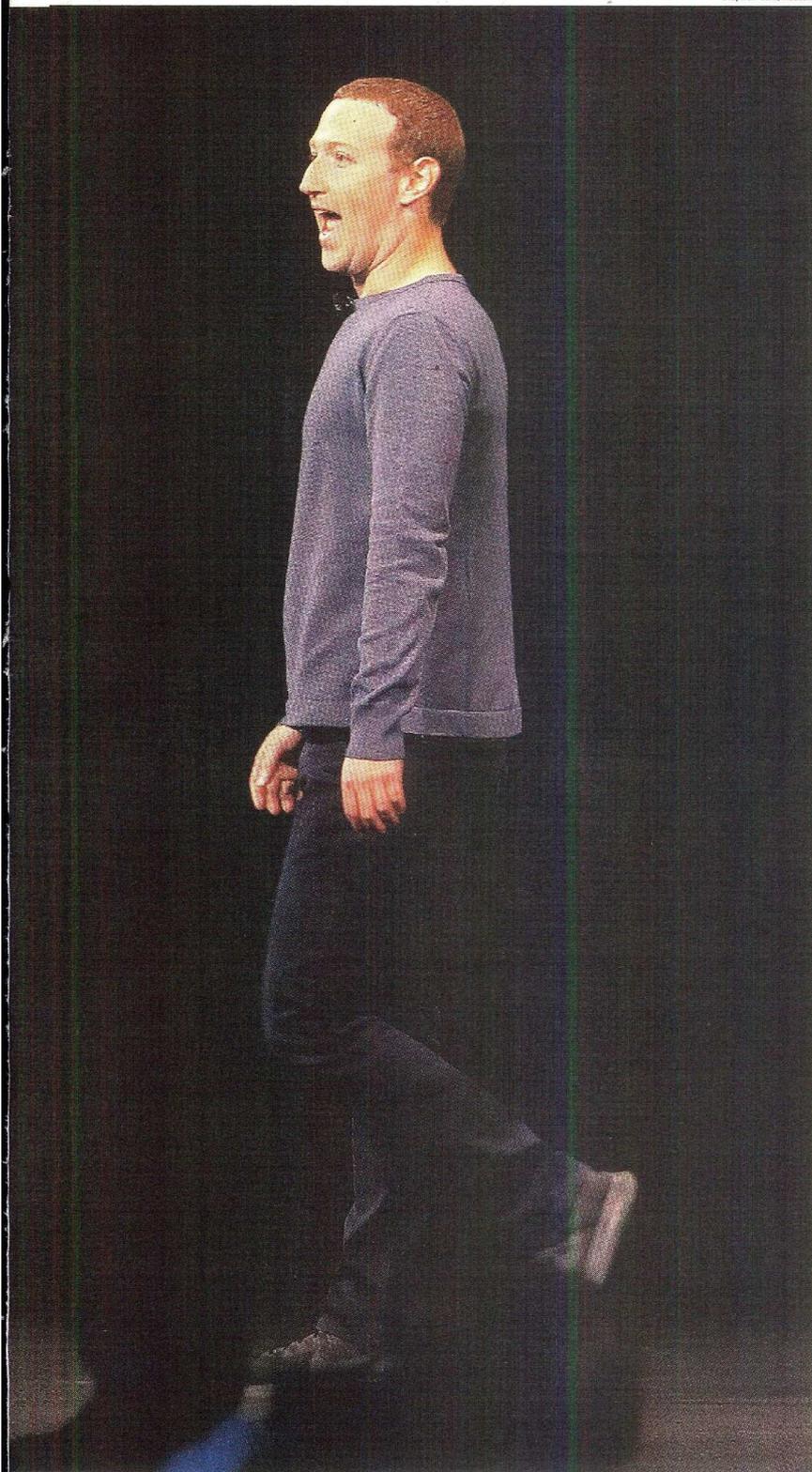
Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 5008 cm²

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/4 a 7

Stephen Lam/Reuters



cebook e mais 27 empresas, quer lançar a moeda virtual no próximo ano.

TOME NOTA

Em que consiste e como vai funcionar a moeda virtual promovida pelo Facebook?

Numa primeira fase, a Libra só vai estar disponível para os utilizadores de serviços do grupo fundado por Mark Zuckerberg. O valor vai ser indexado a um cabaz de ativos. Vai ser gerida por um consórcio de 28 empresas, mas que pode vir a aumentar para 100.

O QUE É A LIBRA?

É uma moeda virtual assente na tecnologia “blockchain”, que está a ser desenvolvida pelo Facebook e por mais 27 parceiros. O nome deriva da palavra em latim libra, que significa balança, e que foi uma unidade de peso na antiga Roma. O símbolo da nova moeda virtual será representada por um carácter especial composto por três ondas paralelas. A Libra vai poder ser guardada numa carteira digital [Calibra] e, numa primeira fase, vai servir para fazer transferências através de telemóveis. Mas a ideia é expandir os serviços e incluir, por exemplo, pagamentos a empresas.

NO QUE DIFERE DAS OUTRAS CRIPTOMOEDAS?

O preço da Libra vai assentar num cabaz de ativos. Ou seja, vai ter uma volatilidade controlada, ao contrário de criptomoedas como a bitcoin. A Libra vai contar com uma reserva de depósitos bancários e dívida soberana de vários países que vão fixar o valor da divisa. A ideia é a de que, ao receber um pagamento em Libra, o utilizador possa decidir se mantém o valor da criptomoeda, se faz o câmbio na divisa doméstica ou, inclusive, se transfere o valor para um banco local, explicou o consórcio que vai lançar a criptomoeda.

COMO VAI SER GERIDA?

A criptomoeda vai ser gerida por um consórcio de empresas agrupada sob a direção da Libra Association, grupo que integra as 28 empresas fundadoras e parceiras da Libra. Este consórcio vai ser sediado em Genebra, na Suíça. Cada empresa vai eleger um membro para o conselho. A Uber, PayPal, Visa, MasterCard, Vodafone, eBay, Spotify, Lyft, Booking Holding e Stripe são algumas das 28 empresas que integram o consórcio. Também a portuguesa Farfetch faz parte da associação. Cada uma das empresas investiu, pelo menos, 10 milhões de dólares para entrar no projeto. É esperado que a lista aumente para 100.

QUANDO VAI CHEGAR?

O consórcio prevê lançar a Libra no próximo ano, inicialmente através das plataformas digitais WhatsApp e Messenger, ambas detidas pelo Facebook. A seguir, o objetivo será expandir a carteira digital para criptomoedas Libra às redes sociais Facebook e Instagram. Depois, a ideia passa por incluir esta carteira nos serviços das restantes 27 empresas parceiras. Mas o plano é alargar a serviços fora deste grupo. Mas apenas as empresas que tiverem a aprovação da Libra Association poderão movimentar esta moeda virtual.

COMO É REGULADA?

Até ao momento, não existe regulação específica. A nova moeda virtual necessita ainda do aval dos supervisores financeiros para ser “legal”. Em Portugal nenhuma moeda virtual tem curso legal, pelo que a sua aceitação pelo valor nominal não é obrigatória. “Não existe qualquer proteção legal que garanta direitos de reembolso ao consumidor que utilize ‘moedas virtuais’ para fazer pagamentos, ao contrário do que acontece com instrumentos de pagamento regulados”, adverte o Banco de Portugal.

PRIMEIRA LINHA OS DESAFIOS DA MOEDA DO FACEBOOK

Até onde pode chegar a moeda virtual do Facebook?

O modelo de negócio da Libra ainda está a ser desenvolvido pelo Facebook e pelos seus 27 parceiros. Razão pela qual o entendimento sobre a sua definição ainda não reúne consenso, segundo os testemunhos recolhidos pelo Negócios.

SARA RIBEIRO
sara.ribeiro@negocios.pt

“N ão estamos a falar apenas de uma criptomoeda”. Foi como José Neves, fundador da Farfetch, descreveu ao Negócios a Libra, no dia em que foi feito o anúncio oficial do seu lançamento, a 18 de junho. Olhando para o modelo de negócio anunciado pelo consórcio que conta com a portuguesa Farfetch, pode dizer-se que a Libra é uma moeda digital ou é um sistema de pagamentos?

Como explicou ao Negócios Rui Serapicos, presidente da Aliança Portuguesa de Blockchain, “a Libra pode ser reconhecida como moeda, devido ao suporte dado por um portefólio de moedas e ativos. Por outro lado, esta abordagem consegue gerar um conjunto de anticorpos para o Facebook e os seus parceiros”. Tendo como base o documento divulgado pelo consórcio da Libra, o responsável recorda que nele se fala “claramente de uma moeda digital, ou, neste caso mais específico, de uma ‘stablecoin’ [apoiada por uma reserva de ativos reais], mas também é um ‘framework’ de pagamentos (alavancado pela rede social) apoiado por fornecedores de serviços de pagamentos como Visa, Mastercard e PayPal”, detalhou.

Por sua vez, o economista Carlos Novais Gonçalves acredita que “pode ser considerada um tipo de moeda digital, que têm sempre subjacente um sistema de pagamentos independente dos tradicionais”. E exemplifica: “Na bitcoin não existem barreiras à entrada em participar no sistema, conferindo-lhe assim o caráter adicional de descentralização. Na Libra, essa participação está li-

“

A Libra será uma verdadeira moeda porque dará para comprar cerveja com ela.

JOSÉ MIGUEL PINTO DOS SANTOS
Economista

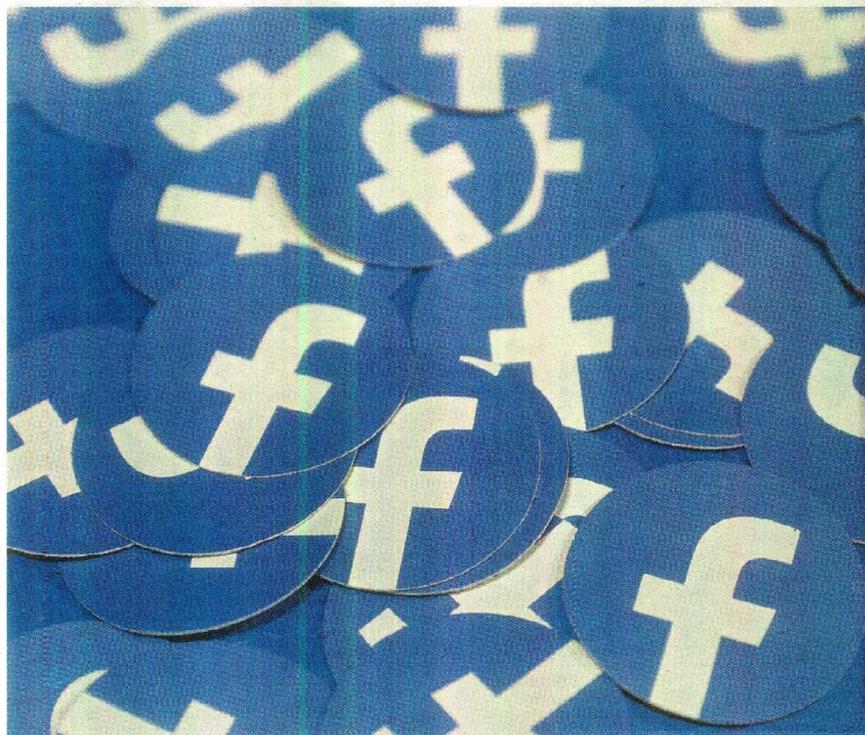
Pode ser considerada um tipo de moeda digital, as quais têm sempre subjacente um sistema de pagamentos independente dos tradicionais.

CARLOS NOVAIS GONÇALVES
Economista

”

mitada ao consórcio, embora seja intenção anunciada vir, mais tarde, a conseguir implementar algum grau de descentralização”, recordou.

A outra diferença apontada pelo especialista prende-se com a tecnologia: “Ao contrário da bitcoin cada unidade da Libra será uma representação de um cabaz de ativos monetários, tal como uma unidade de participação num fundo de investimento de tesouraria. A diferença para estes é unicamente a tecnologia utilizada, permitindo a fácil transmissão de unidades e a possibilidade de aplicar regras por linguagem de programação.”



O lançamento da criptomoeda Libra foi anunciado oficialmente no dia 18 de junho. Desde então, o consórcio não avançou com mais

Um projeto em construção
As dúvidas em torno da definição e objetivos concretos da Libra são justificados por José Miguel Pinto dos Santos com o facto de o projeto ainda não estar finalizado. “Do que foi anunciado pelo consórcio Libra, ainda em construção pelo Facebook, percebe-se que o projeto ainda não está completamente estruturado e que, até ao seu lançamento, muito do que foi anunciado poderá não vir a ser oferecido e serviços que ainda não foram pensados poderão vir a ser incluídos.”

O economista explica que esta falta de estruturação do projeto que

aponta “deduz-se de afirmações de responsáveis pelo projeto”. Por exemplo, “diz-se, por um lado, que o consórcio irá oferecer serviços financeiros como crédito ao consumo mas, por outro lado, também se diz que, dado que cada Libra emitida será totalmente suportada por uma carteira de moedas tradicionais como o dólar e o euro, o sistema será incapaz de criar nova moeda. De duas uma: ou dará crédito e criará moeda, ou se cada Libra for totalmente suportada por uma carteira de moedas, então não dará crédito...”, explicou José Miguel Pinto dos Santos, professor da AESE.

Porém, tendo em conta o que tem sido noticiado, o economista acredita que o Facebook pretende criar uma moeda digital [a Libra] “intimamente ligada a um sistema de pagamentos digital, o Calibra”. Isto é, “a Libra será uma verdadeira moeda porque dará para comprar cerveja com ela”. Mas “tudo indica que, além de servir como meio de pagamentos, também servirá de unidade de conta e de reserva de valor, outras duas características geralmente associadas a uma moeda. E o Calibra será o sistema que permite executar transações com a Libra”, sustentou.

Libra pode forçar banca a repensar comissões

A Libra não deverá colocar em causa o setor da banca como o conhecemos. Mas vai trazer desafios que podem levar os bancos a ter de abandonar “a galinha de ovos de ouro”: as comissões.

Stephen Lam/Reuters

E a privacidade do Facebook?

A base de milhões de utilizadores que o Facebook tem é apontada como o fator de sucesso para a Libra. Mas, por essas razões, a privacidade tem sido um dos pontos que mais preocupações tem levantado, até pelo histórico de Facebook de utilização de dados por terceiros, sem permissão dos utilizadores. Perante as dúvidas, o consórcio garantiu que não vai partilhar informação com a rede social, nem com terceiros, sem o consentimento do cliente. Uma garantia que segundo os especialistas ouvidos pelo Negócios será difícil de controlar. “Não se pode garantir isso. Poder-se-á, usando os processos adequados, minimizar este risco, mas nunca garantir que não haverá falhas na privacidade”, apontou o economista José Miguel Pinto dos Santos. “E, nesta área, o Facebook tem um histórico miserável”, lembrou, referindo-se à Cambridge Analytics, que usou dados de utilizadores para a campanha eleitoral de Donald Trump.

informações sobre o tema.

Uma ideia que segue em linha com as declarações de José Neves, fundador e líder da Farfetch. Questionado pelo Negócios sobre os impactos que esta criptomoeda pode vir a ter no mercado, o responsável esclareceu que “a Libra Association será responsável por operar e desenvolver a Libra Blockchain, que será segura, escalável e fiável, e que vai suportar um conjunto de usos de negócio, assim como uma moeda digital”, esclareceu, por e-mail, José Neves.

Instado a comentar de que forma a tecnologia “blockchain” garante que alguns dos riscos apontados, como a lavagem de dinheiro, sejam

controlados, o presidente da Aliança Portuguesa de Blockchain assumiu que “não existem tecnologias à prova de riscos, sejam operacionais ou de ‘governance’”. “Neste caso específico da lavagem de dinheiro, assim como é no caso de outras moedas, o protocolo Libra não mapeia uma conta de transações a uma identidade do mundo real. Um utilizador é livre de criar várias contas que podem gerar vários pares de chaves, e pelo facto das contas controladas pelo mesmo utilizador não possuem um ‘link’ inerente entre si, a rastreabilidade torna-se mais desafiante”, referiu Rui Serapicos. ■

As criptomoedas e o aparecimento de “fintechs” têm trazido novos desafios ao setor da banca. E, como apontaram alguns dos especialistas ao Negócios, não é por acaso que a lista de fundadores da Libra não conta com qualquer parceira da banca tradicional. Porquê? “Mais do que uma nova moeda digital, estamos perante um novo sistema de pagamentos que pretende ‘contornar’ a banca”, comentou o economista Nuno Teles.

Partindo desta premissa, e tendo em conta a potencial base de milhões de clientes, pode a Libra colocar em causa o setor da banca? João Duque só acredita que tal possa acontecer caso a Libra “se afirme como moeda”. Algo que tem sérias dúvidas que aconteça, “pelo menos sem o suporte dos bancos centrais”. Já José Miguel Pinto dos Santos sublinha que “a banca, tal como a conhecemos, é muito diferente de há 25 anos. E daqui a 25 anos será muito diferente da que temos hoje, haja ou não haja Libra”.

Nuno Teles aponta ainda que “a Libra surge como resposta a um problema sério, negligenciado pelos reguladores, de onerosas tarifas e comissões cobradas pela banca”. E considera que “o caso português é bastante elucidativo neste campo. Se a Libra será uma alternativa, não sabemos, mas é certo que já hoje existem várias ‘fintechs’ que respondem a este problema”, alertou.

Para responder a estes desafios, os economistas sugerem que os bancos incumbentes “abandonem a ‘galinha dos ovos de ouro’ que têm sido as crescentes e abusivas comissões cobradas aos seus clientes”, referiu Nuno Teles.

Já a sugestão de João Duque passa por “esmagarem os custos de transferência de capitais” e “forçarem os bancos centrais a cria-

rem uma ou mais criptomoedas”.

Por sua vez, José Miguel Pinto dos Santos aponta que “a Libra terá sucesso se satisfizer as necessidades dos consumidores”. E os bancos incumbentes terão sucesso e poderão responder eficazmente a estas ameaças, se satisfizerem as necessidades dos seus clientes”. Como? “É a pergunta de um milhão de dólares”, atirou.

Face aos novos instrumentos e “players” que têm surgido no mercado, e que têm conquistado popularidade, a Associação Portuguesa de Bancos (APB) tem deixado o alerta de que é preciso neutralidade regulatória. Isto é, “independentemente da natureza do operador, a atividade que este exerce deve ser regulada e supervisionada. Tem de ser garantido um ‘level -playing field’ a todos os competidores: para a mesma atividade e os mesmos riscos devem aplicar-se as mesmas regras e a mesma supervisão”, reiterou fonte oficial da entidade ao Negócios.

A associação deixou ainda o aviso de que, tal “como os bancos estão sujeitos a um conjunto de requisitos extensos em matéria de solvabilidade e liquidez, adequação de produtos, informações aos clientes, prevenção do branqueamento de capitais [...]”, só existirá um verdadeiro ‘level playing field’ [nível concorrencial] se tais requisitos constituírem exigências para todos quantos prestam serviços financeiros”.

A “quantidade de regulação que os bancos têm de cumprir” foi também um ponto destacado por Rui Serapicos para a clivagem existente, uma vez que “esmaga o esforço de inovação deste setor”, ao contrário dos operadores virtuais, cujo nível de inovação “é superior, nem que seja pelo facto de não terem sistemas legados nem regulação para gerir”. ■SR



A Libra surge como resposta a um problema sério, negligenciado pelos reguladores, de onerosas tarifas e comissões cobradas pela banca.



NUNO TELES
Economista

[Os bancos podem responder] esmagando os custos de transferência de capitais e forçando os bancos centrais a criarem uma criptomoeda.



JOÃO DUQUE
Economista

